

CORPOS COTIDIANOS: MOVIMENTOS DE LUTA E CULTURA NA ESCOLA

Autor: Bianca de Menezes Castro da Silva

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
biancamenezescastro@hotmail.com

Resumo: O presente artigo, de base teórica, tem como finalidade aprofundar nos movimentos dos corpos diante dos discursos de poder que perpassam os resultados avaliativos do IDEB e mergulhar na fruição corporal em seus cotidianos para ampliar as formas de resistência e emancipação social. As escolas, mergulhadas cotidianamente entre seus corpos e desafios é um *espaçotempo* de reinvenção e pluralidade de experiências dos corpos que discursam seus direitos. Os resultados quantitativos das avaliações globais e excludentes são movidos por um cartesianismo imediatista em resultados capitalistas que não captam o que realmente se dá em sala de aula. A escola acontece entre seus enredos de dispositivos de poder, entre práticas emancipatórias e entre aquilo que não pode ser palpável na compreensão de ilimitada visão cartesiana. As redes educativas tecidas no movimento de estar e ser no mundo estimulam novas formas de *ação/reflexão* que exprimem a potência do ser erguer como corpo. Os corpos são história, movimento sem fim, enfrentam sua autopunição e seu gozo íntimo. Portanto, rasgar-se cotidianamente é caminhar a cada dia entre enunciações violentas e entre a própria enunciação dos corpos em suas (re)ações, de forma a se (re)construir a cada dia para fins de justiça social e direitos culturais em seus produções estéticas, assim concebemos as criações de todos igualmente no processo democrático das escolas.

Palavras-chave: Resistência, Avaliação, Saberes-fazer.

INTRODUÇÃO

O corpo que respira sem cessar na primária ação de sobrevivência tem folego para outras formas de luta. Seus desejos e resistências estão expressos em seus posicionamentos corporais que articulam outras formas de conhecimentos em meio ao massacre do capitalismo. O caminhar sobre a vida sendo apagado por políticas e discursos hegemônicos é uma forma de morte da história, expressões e criações dos sujeitos. Em outras palavras, os corpos dão passos de sobrevivências diárias, compondo lutas que desafiam as regras outorgadas. A vida desses corpos não comporta a ilimitada configuração da realidade, dada em um contexto esmagador e opressor das lógicas plurais. Os movimentos tecem redes de conhecimentos que formulam e abdicam a demanda para habitar os *espaçotempos* sociais em sua dignidade e protagonismo.

O direito em ser um corpo ativo sem as mordanças sociais está refletido em sua performance cotidiana, suas estratégias de escape não pedem permissão para se concretizar, estão acontecendo a todo momento, quanto mais tentam apagar as ditas minorias – que se tem em sua potência inumerável, mais criações estéticas de gostos, desejos e resistências são fomentadas. O passear atrevido que burla as normas vigentes expressa a magnitude corporal de impor presença sem precisar de aceitação.

Nas derivas do corpo podemos encontrar lutas micro cotidianas em presenças, nas suas maneiras de usufruir da vida em gozo e de caminhar sobre os obstáculos. A partir disso, somado com outros corpos com interesse comum, podemos notar princípios de uma luta organizada, motivada e coletiva. Somos criadores de modos de estar\ser\sentir para nossa completude íntima, mas também somos os relacionamentos constantes entre os outros que nos habitam pela pauta de bem-estar social ou simplesmente pelo gozar da vida. Na tessitura de outros e nós mesmo podemos desenvolver uma ação coletiva que visa destruir os muros que nos impedem de prosseguir para uma vida mais justa e igualitária.

Nas escolas vemos alunos que estão criando esteticamente suas lutas com grande mobilização, recolocando em jogo seu *espaçotempo* e o que querem da escola. Os alunos vestem e subvertem o uniforme escolar, territorializam a

linguagem padrão escolar com suas gírias, trazem para a escola suas culturas.

Os professores nessa complexidade cotidiana são inquietados pelo o que realmente acontece dentro das escolas, ampliando seus sentidos para as vastas lógicas e sentidos de realidades. Adentro disso, entendemos que as criações dos corpos são formas de restabelecer sua existência e resistência na luta cotidiana que somada as redes educativas com os outros motiva um movimento de impacto para a mudança, isso nos\dos\com cotidianos escolares atrela uma educação plural que é composta por alunos criadores e protagonistas de seus conhecimentos. A justificativa para este artigo é articular a força criativa do sujeito diante das formas opressivas de exclusão do sistema escolar através das avaliações. Logo os objetivos em questão são: aprofundar na potência das criações cotidianas nas escolas visto sua fruição e viabilizar o movimento de luta que as avaliações não conseguem derrubar.

RESULTADOS

O presente artigo tem a metodologia bibliográfica, com um recorte de autores que proporciona o estudo do tema em questão, viabilizando o diálogo de um corpo em ação em seu cotidiano dentro das escolas, contra avaliações excludentes e exclusivas, lutando por direitos culturais.

O senso comum descreve o cotidiano como um fluxo contínuo da mesmice e repetição, todavia quando repensamos o cotidiano vemos como ele é rico em criações, reinvenções e ações no seu *espaçotempo*. Esse processo é originado pelos corpos, eles são e fazem suas criações, portanto apontamos o seu percurso de se emancipar uns com os outros dentro das escolas, lutando contra a sua própria subordinação da opressão. O cotidiano nos mostra que as relações de poder da avaliação não penduram as entranhas dos estudantes ao se manifestar em criações.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), criado em 2007, é uma referência desenvolvida no governo Lula para servir de indicador de qualidade na educação. Com o IDEB, os sistemas municipais, estaduais e federal do ensino passaram a ter metas de qualidade para atingir.

“O IDEB [...] resulta da combinação de dois fatores que interferem na qualidade da educação: a) indicadores de fluxo (taxas de aprovação, reprovação e evasão); medidos pelo Censo Escolar. b) indicadores de desempenho em exames padronizados como o SAEB e a Prova Brasil, realizados a cada dois anos ao final de uma determinada etapa da educação básica [...] (PAZ, 2010, p.12)”.

O que fica em questão é que será que o IDEB de fato registra uma qualidade de educação que vibra dentro dos alunos ou apenas repassa o sistema de uniformização? Nas pesquisas dentro das escolas podemos ver que os corpos são sempre transitórios em seus modos de ser, na rotina na manutenção estética de se obstruir e na ruptura em se renovar. Nessas rotas passeia a sociologia do cotidiano (PAIS, 2008), que expõe as táticas dos sujeitos ao ter em mãos os produtos oferecidos pela sociedade (CERTEAU, 2012). A rota possível está na vida cotidiana, para conceber esses indícios dos corpos do que se passa quando nada se passa (PAIS, 2008), buscando sentir o campo de criação dos corpos que é ocultado pelos processos de controle e poder.

Ora é nestas rotas – caminhos de encruzilhada entre a rotina e a ruptura – que se passeia a sociologia do cotidiano, passando a paisagem social a pente fino, procurando os significantes mais do que os significados, juntando-os como quem junta pequenas peças de sentido num sentido mais amplo: como se fosse uma sociologia passeante, que se vagueia descomprometidamente pelos aspectos anódinos da vida social, percorrendo-os sem contudo nelas se esgotar, aberta ao que se passa, mesmo ao que se passa quando “nada se passa” (PAIS, 2008, p.29).

O IDEB inserido em propostas globais e finalidades desenvolvimentistas, se organiza em um texto prescritível, obrigando o sujeito a usá-lo para atingir as metas estabelecidas, limitando o seu leitor, ou seja, tornando-o passivo (MAINARDES, 2006). Essa prescrição impõe competências essenciais nas avaliações, que são: Língua portuguesa (o mercado de trabalho deseja que os estudantes tenham domínio desta, que saibam desenvolver bem redações e se comunicar verbalmente) e Matemática (os empresários querem que os futuros trabalhadores detenham conceitos básicos deste). Com base nisso, o IDEB está preocupado em desenvolver a educação acerca do dever ser, do desejado, do produtivo.

Contrapondo o IDEB a força cotidiana e sua complexidade é conduzida pelos corpos que façam dia a dia suas “maneiras de fazer” (CERTEAU, 2012) e suas derivas. Em outras palavras, mesmo cercados por dispositivos de controle, aderidos da ordem vigente capitalista, esses

corpos conseguem consagrar suas existências e resistências. Os cotidianos dos corpos trazem prazeres dos quais a violência não expõe, trazem pessoas que possuem histórias e formas de caminhar pela vida. Nesse sentido a resistência está nas pistas sutis de nossas (re)ações e se trabalhadas fomentam a autonomia e desconstrução da violência sobre os corpos. Ao desinibilizar as vastas culturas, produtoras e essências para uma sociedade justa e emancipada na potência do sujeito.

Os passos cotidianos destes corpos erguem os movimentos de luta com pautas de justiça e demandas culturais. Para desestabilizar as hierarquias o passeante cotidiano reconhece a pluralidade de conhecimentos e valores em circulação na sociedade. Nas escolas professores e alunos se expressam e criam sentidos próprios, seus diálogos buscam a cidadania. Assim, no desenrolar da vida cotidiana, numa permanente interlocução entre diferentes instâncias do *fazersaber*, temos redes intrincadas que constituem relações e negociações de desejos, conhecimentos, dos corpos...

A escola como instituição da sociedade traduz discursos de poder em sua organização de um currículo único e resultados rápidos. No entanto, professores com seus alunos estão em um movimento constante de reflexão conjunta para além das prescrições. Inquietações desses alunos e até mesmo dos professores viram de ponta-cabeça as escolas, digo escolas no plural pois em cada *espaçotempo* há corpos cotidianos que deixam suas marcas diante dos discursos. Pois seus corpos os pertencem, logo a escola que eles habitam também.

Muitas escolas estão trabalhando questões políticas e sociais em que saberes higienistas e reeducativos não dão conta, alunos que indagam imagens em livros didáticos, que querem outras formas de educação. A imagem do belo excludente já não adentra as escolas, a produção estética constante esquenta a tessitura das relações e os professores estão recebendo essas redes de conhecimentos. Despraticando as normas no cotidiano escolar os professores e alunos praticam e refletem questões como: o capitalismo e o dinheiro como valor versus o que o dinheiro não compra, o modelo de sucesso e o eurocentrismo versus o que é felicidade? E os saberes legítimos versus saberes praticados. Nos\dos\com cotidianos são os discursos de resistência diante dos dispositivos de poder.

As artes de fazer cultura na perspectiva da Chaui (2008) emergem do trabalho livre que modifica o existente, operando mudanças em nossas experiências imediatas, expressando o novo. Os movimentos dos alunos criam estratégias de pertencimento na disputa do território escola, com em enfrentamentos corporais e performance de figuras recriadas por eles observando um trabalho livre, sensível e imaginário. A escola torna-se produto da cultura dos alunos, disparando entre os muros da escola o que os outros *espaçostempos* rejeitados ecoa ao se fazer presença.

O muro que expressa o xarpi reitera a obra cultural dos alunos, palavras de ordem e prazer, signos emblemáticos sem apreensão da ortografia, imagens desconcertantes entre outros gestos publicados nas paredes e mesas da escola. Uma produção de presença se apresenta aos que fazem parte deste conflito de conhecimentos, talvez seja nessa tessitura que se estabeleça as proximidades dos corpos escolares. O xarpi é um exemplo das manifestações dos alunos na escola, pintar com suas cores e expressões o cinza linear dos muros desperta a ação coletiva em transformar o que lhes pertence.

Sob a prisma de criação, obras do pensamento e da arte temos a cultura em três aspectos que contrariam o entretenimento supérfluo, construído pela hegemonia para capturar a cultura popular: É trabalho, em primeiro lugar, isto é, movimento de criação, capturando a experiência do mundo para interpretá-la, criticá-la, transformá-la, em segundo lugar é ação de dar a pensar, a imaginar, repensar, sentir o que se esconde sobre a experiências cotidianas e em terceiro lugar em uma sociedade de exclusão social a cultura é um direito do cidadão, direito de fazer cultura e participar das decisões da política cultural (CHAUI, 2008). A produção estética

A concentração de jovens que se aventuram em modificar os saberes e aspectos da escola pode ser ovacionada em encontros na hora do recreio e até mesmo assembleias com o espírito de debate em sala de aula sobre o que fazer para estremecer. [...]O direito de acesso às obras culturais produzidas, particularmente o direito de fruí-las, o direito de criar as obras[...] (CHUAI, 2008, p.65). São criadores de educação plural, obras muitas vezes vista como problemáticas, mas está é a rebeldia cotidiana. Não pedem permissão as autoridades externas à escola. Esse seria um embate dos movimentos que não se sentem representados pelos seus governantes, fazem seu próprio processo de

democracia com ações que evocam a escuta do poder a mudança da situação que os angustiam. A escola grita suas potências, podemos dizer que neste percurso estético dos alunos os professores também fazem parte ao corroborar ao protagonismo destes, pois recolhemos estas pistas de alunos que vibram e professores que praticam um currículo plural e interdisciplinar em meio as demandas.

A representação política que os corpos enxergam em meio seus cotidianos é a exclusão que sofrem na segregação da divisão dos bens e da ineficácia das políticas públicas. A insatisfação destes desenvolve-se em representações, ações e movimentos que buscam interferir na política sob pela pressão (CHUAI, 2008). Essas ideias emergem na escola por entender a relação dela dentro da sociedade, a escola torna-se assim política, *ação reflexão* e procedimentos de participação dos alunos na reconfiguração desta na reelaboração da democracia.

Denominado de participação popular (CHUAI, 2008) os alunos produzem suas próprias leis, normas e regulamentos em meio a burlas e recriações das leis escolares, de cada escola, cada bairro que as circundam e de seus integrantes. Um movimento de ação política de exercer a presença e ser produtor da escola.

Segundo Ramos (2016), a autoria Chuai diz que a esquerda necessita ultrapassar o discurso hegemônico para mover um sentimento de mudança nos oprimidos. Pois todo esse processo se fundamenta nas divisões de classe, porém mais do que isso vemos os entrelaces desses processos. Nesse sentido, penso que construir novos conceitos que atenda as redes educativas dos sujeitos em suas produções seja uma nova forma de construir um contradiscurso das forças opressoras das avaliações normativas.

Esse processo se faz na ruptura da crítica que apenas busca soluções imediatas para as situações globais. Trazer o pertencimento dos oprimidos com suas produções de Cultura, narrativa, seus *saberesfazeres*, impõe uma busca cotidiana de soluções pertinente e locais, uma resistência micro que no seu desenvolver traz mudanças globais. Em outra reflexão penso que os sujeitos mesmo sem a legalidade expressa pela hegemonia para a produção de cultura são ativos em seus criações, burlas e desejos. Não são passivos, tanto que os movimentos buscam a visibilidade desses processos.

DISCUSSÃO

Antes da virada do século XX o corpo era investido em um papel secundário na cena do teatro filosófico, enquanto no campo das ciências naturais e da medicina desenvolviam dispositivos de vigilância para disciplinar os corpos para fins curativos, educativos e reeducativos, nas ciências humanas sua aparição ressentida se explica por sua indiferença às preocupações e aos objetos da vida e pelo seu afastamento dos objetivos políticos e práticos que o corpo era alvo (COURTINE, 2013). O século XX se inicia com a preocupação do corpo vivo em si e não para as estruturas que as regiam.

No mesmo período, na segunda metade do século XX o termo cultura passa ter abrangência, sendo agora compreendida como produção e criação humana, no qual os corpos elaboram signos e símbolos, instituem práticas e valores, instaram leis, os valores como belo e feio, permitido e proibido, determinam o sentido da vida e da morte (CHAUI, 2008). O corpo como criador incessante de cultura encontra o obstáculo dos que reprimem sua manifestação livre das adequações e status sociais. A dicotomia do belo e feio, permitido e proibido, legítimo e marginal são estabelecidos pelo processo de cultura hegemônica. O corpo cultura ainda é disposto de discursos reguladores. Nessa divisão cultural – pode-se falar em cultura de elite e cultura popular, fica nítido que a cultura popular nasce nas classes trabalhadoras, no que se faz diante do pólo da dominação, seja na repetição ou na contestação (CHAUI, 2008).

O IDEB faz parte de um pacote de estratégias dos neoliberais para a saída da crise educacional, na análise do autor Gentili (1996), são mecanismos de controle e avaliação, são articulações e subordinações da produção educacional e a desarticulação do centralismo governamental, tendo em vista uma reforma administrativa. A respeito dessa reforma, a gestão da qualidade total – originada de empresas - , se insere no IDEB induzindo ações de vigilância. Sobre esses aspectos, a chamada educação direito de todos sofre a invisibilidade acerca do Panóptico¹: um implante dos corpos no espaço, de classificação dos sujeitos bilateral, de ordem hierárquica, de vigor dos centros e dos canais de poder, de definição dos instrumentos e dos modos de intervenção, que podem e são utilizados no âmbito escolar (FOUCAULT, 1987). Em decorrência disso, impõe-se uma tarefa ou um comportamento, que

¹ O Panóptico de Bentham é uma construção em anel, tendo no centro uma torre vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel. A construção periférica é dividida em celas (FOUCAULT, 1987).

no âmbito escolar, é prescrito por avaliações globais que visam dispositivos de coerção do ser e de suas produções culturais que não são vistas pelos índices de educação.

O corpo já foi e ainda é tratado como máquina de utilização institucional e orgânica em suas funções, obediente e funcional, sofre a marginalização em suas produções culturais em meio as avaliações. [...] “Se existe algo que parece não deixar nenhuma dúvida, é realmente o fato que não existe discurso fora dos dispositivos, e dispositivos sem discurso (COURTINE, 2013, p.29)”. Tudo é construído para firmar a lógica capitalista. Interessante que esse movimento pragmático vê sua falência no passear do corpo, passeia muitas vezes sobre as correntes da máquina social e desperta incômodos mesmo trancada. O corpo se desorientava para tomar partido de si e atormenta em seus mergulhos de fazer e ser história.

O corpo protagoniza o grande acontecimento da vida e da morte; oferece com isso um abrigo de resistência e de não sujeição aos dispositivos disciplinares de repetição. Assim, permito-me dizer: toda experiência com o corpo é o fundamento de uma violência simbólica. Não há corpo produção de presença sem a fogueira, sem as marcas da violação que se repetem indefinidamente, mas que permite entrever um “corpo metáfora do pensamento”, que irá cingir as principais correntes estéticas contemporâneas (SANTO, 2014, p.17).

É preciso evidenciar a maneira como os corpos fazem seus caminhos e que dentro da linha social do oprimido e opressor existe um campo de produção cotidiano feito em suas fricções corporais. Os cotidianos são os próprios movimentos micros de luta, acontecem no dia a dia, na ruptura em suas rotas. Em vez de crer em uma repetição fatigante e mecânica do corpo caminhamos por indícios de resistência, jogando constantemente com os acontecimentos para torna-los em ocasiões, os “ditos fracos” tiram partido de forças que lhe são estranhas (CERTEAU, 2012). Assim, nesse *espaçotempo* de soluções focais e pertinentes, ao decorrer de suas ações desencadeiam o movimento da história.

Diante disso, a aproximação da vida política, social e cotidiana estabelece todo o percurso desse sujeito em direção ao seu corpo, concebemos como um sopro as formas de resistências contidas no vago da vida e nas ações coletivas. Os efeitos das amarras sociais não é a única forma de expor o caminho dos corpos, até pois, dentro de uma história contada em meio aos dispositivos de poder vemos apenas o

fracasso dos que não se encaixam e o processo de marginalização. Visto isso, em todo o processo de aniquilação corporal, cultural e social há brechas de saídas para o confronto de reivindicar a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo como centralidade da vida formula os caminhos, nessa caminhada encontram-se dispositivos higienistas e curativos de culturas e reeducativas de comportamentos. As ciências humanas, a fim de recuperar a posição dos corpos sobre suas vidas, necessitam constantemente de expandir suas preocupações, que advém desde o século XX e que atualmente, pelo alastramento do capitalismo e suas máquinas de poder, estão se perdendo. Reiterar a preocupação sobre a vida política, social, cotidiana é reposicionar os corpos em seus potenciais de existências, estabelecendo seu transbordar de criações que emergem derivas.

A violência que sofremos está intimamente ligada aos discursos que nos sufocam e nos fazem sufocar o próximo. O perigo de ser violentado, como se fosse o destino único, em que para viver é preciso sofrer, tendo condições precárias para ser existência, é o grande estopim de outros crimes que são palpáveis na concepção da sociedade, quando o que realmente esquenta toda esta guerra é a guerra que nos geram na compreensão da realidade. A escola acolhe a pluralidade que sofre a marginalização de suas presenças no viver o mundo, o movimento de relutância embalado por corpos em estado de apaziguamento, epifanias e outras variadas sensações que as avaliações quantitativas não conseguem complementar em seus resultados. Os professores e alunos estão fazendo a todo instante a escola, na troca de ambos podemos nos felicitar com a movimento democrático.

Por isso, concebendo que os cotidianos dos corpos em rotura são impossíveis de serem palpados pelo cartesianismo. Nos\dos\com cotidianos escolares traz novos olhares para os processos locais e pertinentes de seus alunos e professores diante da violência da sociedade. A luta pela desumanização capitalista está em nós a cada delírio do prazer, as escolas são fonte de cidadania e território dos corpos.

REFERÊNCIAS:

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – 1. Artes de fazer. Petrópolis, Rj: :Vozes, 18.ed, 2012.

CHUAI, Marilena. Cultura e democracia. Em: Crítica y emancipación: Revista latino-americana de ciências sociais. Clacso, Buenos Aires, jun. 2008, p.53 a76.

COURTINE, Jean-Jacques. Decifrar o corpo: pensar com Foucault. Petrópolis, Rj: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, vozes, 1987, 288p.

GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; GENTILI, Pablo (Org.). Escola S.A: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília: CNTE, 1996, p. 9-49.

MAINARDES, Jefferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. Educ. Soc. Campinas. Vol27, p.47-69, jan\abr.2006.

PAIS, José Machado. Vida cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2008.

RAMOS, Silvana de Souza. Democracia e cultura popular na obra de Marilena Chaui. Cadernos Espinosanos – Estudos sobre o século XVII. n. 35, jul – dez, 2016, p.43 a 61.

SANTO, Denise Espírito. Corpos Maquínicos. In: SANTO, Denise Espírito; MOTTA, Gilson. Zonas de contato: usos e abusos de uma poética do corpo. Rio de Janeiro: Outras letra, 2014, p. 9-21.